

## A teofania no pensamento de Scoto Eriúgena

Prof. Dr. Ivanaldo Oliveira dos Santos<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo traz algumas considerações sobre a teofania, a manifestação de Deus no pensamento de Eriúgena, pensador irlandês do século IX. O objetivo do artigo é mostrar que o Deus de Eriúgena é um princípio incompreensível ao intelecto humano e que desenvolve a totalidade de suas consequências a fim de nelas se revelar. Neste contexto, a teofania é um vínculo que totaliza a realidade e articula suas diferenças. Ela também é um acidente que denuncia a origem divina das criaturas e garante o surgimento, a manutenção e a reprodução de qualquer criatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eriúgena; teofania; Deus.

### Abstract

This Article brings forth some considerations concerning Theophany i. e. God's manifestation, in Eriugena thought IXth Century Irish thinker. This Article aims at showing up that God, according to Eriugena, is an unintelligible principle for human intellect that develops its consequences totality, in order to reveal himself through the over-mentioned consequences. In this context, Theophany is a link that totalizes reality and articulates its differences. It is also an accident, in philosophical meaning, that denounces creatures divine origin and guarantees any creature arising, maintenance and reproduction

**Key words:** Eriugena, Theophany, God.

### Introdução

Este artigo traz algumas considerações sobre a teofania, a manifestação de Deus, no pensamento de John Scoto Eriúgena, pensador católico irlandês do século IX, que, “além de ser um filósofo influente, era também um teólogo por vocação” (BLANC, 1996, p. 106): influenciou tanto “o pensamento medieval que antecipa, com rasgos de gênio, as intuições de um São Tomás como também o pensamento moderno, especialmente Hegel, no que concerne ao caráter processual, dialético e construtivo da realidade” (BLANC, 1996, p. 97). O objetivo é mostrar que o Deus de Eriúgena é um princípio que é in-

compreensível ao intelecto humano e que desenvolve a totalidade de suas consequências a fim de nelas se revelar. Nesse contexto, a teofania é um vínculo que totaliza a realidade e articula suas diferenças. Ela também é um acidente, o qual denuncia a origem divina das criaturas e garante o surgimento, a manutenção e a reprodução de qualquer criatura.

Para Eriúgena (1984), o homem é uma síntese teofânica que contém e reúne todas as criaturas. Afirma-se que o homem funciona como uma tríade (tese, antítese e síntese), no sentido hegeliano do termo. Para o pensador irlandês, Deus se cria em sua criação e que a sua manifestação possibilita a existência do mundo (da realidade conhecida pelo ser humano). Do encontro entre Deus e o homem nasce, no intelecto do último, o conceito de teofania. Por sua vez, a teofania apreende as causas primordiais, ou seja, os protótipos das criaturas feitas por Deus-Pai e mostra ao homem seu verdadeiro objetivo, o qual é procurar a sua essência, que é o Cristo Salvador.

## 1 O conceito de teofania

Intuitivamente, tem-se a ideia de que o criador é causa do Ser da criatura, e o que define uma criatura, como tal, é o fato de que recebe seu Ser do criador. Assim, por exemplo, o cientista da computação, ao criar um programa para ser usado na indústria mecânica, dá tanto o “Ser” como a existência a tal programa. Daí concluir-se, de maneira bem simplificada, que se tenta reduzir tudo às relações de causa e efeito. Entretanto, Eriúgena pensa no que são as relações entre o signo e o que a coisa (objeto), e o que significam na ordem do conhecimento. O Deus de Eriúgena, o grande construtor, é um princípio que, dentro da tradição católica, é incompreensível ao intelecto humano, desenvolve, de um só golpe, a totalidade de suas consequências a fim de nelas se revelar.

Este Deus nunca age fora de si, a não ser como “manifestação”. Esse ato de automanifestação divina, que ocupa um lugar muito importante no pensamento de Eriúgena, é o que ele chama de teofania. O que é uma teofania? O próprio Eriúgena responde, em obra *Sobre*

*a Divisão da Natureza*, afirmando que “teofania, é, manifestação de Deus” (SCOTO ERIÚGENA, 1984, 446D)<sup>2</sup>. É possível se perceber, na definição de teofania, a manifestação de Deus, um elo, sólido e consistente, em torno do qual os pontos centrais do pensamento eriugeniano irão reunir-se, conforme palavras de Jojé Luis Alonso:

O papel que a noção de teofania tem na sistemática eriugeniana dificilmente pode ser exagerado: é precisamente essa noção que proporciona o vínculo que totaliza a realidade e articula suas diferenças, que permite pensar a dinâmica relação do Uno com o Múltiplo, de Deus com as criaturas (ALONSO, 1992, p. 213)<sup>3</sup>.

Do ponto de vista simbólico, a teofania é um oxigênio, pois não é vista pelos olhos humanos, mas está em toda parte. Ela é a responsável pela relação dinâmica de Deus com sua criação e do Uno; nesse caso, considera-se o homem como sendo o Uno com o Múltiplo, ou seja, o conjunto de todos os seres criados por Deus.

A teofania é uma marca de fabricação, pois o seu caráter é um acidente, no sentido aristotélico, da criatura. Acidente esse que, a todo momento, denuncia sua procedência, isto é, sua origem divina. Qualquer espécie, seja o homem, seja um anjo, ou outro ser qualquer, não pode fugir dessa marca. E onde essa espécie estiver, automaticamente, a teofania delata o seu autor original, neste caso, Deus. No entanto, devido a dois fatores, é necessário interpretar o caráter teofânico no seu sentido mais forte. O primeiro fator é o problema da criação: não sabemos, com certeza, como Deus criou o mundo e o homem; apesar de a revelação estar contida na *Bíblia*, os registros que ela nos dá são vagos, e o segundo fator é, justamente, o estatuto ontológico da própria criação.

## **2 O homem é a síntese das criaturas**

Que sentido forte é este? A posição das criaturas na existência não é outra coisa que a manifestação de Deus nas próprias criaturas, porque o conceito de teofania se refere ao momento constitutivo

radical da criatura, isto é, em Scotus Eriúgena, não existe criatura sem teofania. O surgimento, a manutenção e reprodução de qualquer criatura são dados, absolutamente, pela manifestação de Deus. Como o próprio Scotus Eriúgena afirma: “Deus é, portanto, é” (1984, 516C)<sup>4</sup>. Deus é criador de tudo, logo “em qualquer grau que se considere, a produção dos seres por Deus não é mais que uma teofania” (GILSON, 1995, p. 254). Para Deus, o ato de criar é revelar-se, ou seja, é manifestar-se. Daí conclui-se que, como a criação é revelação e, também, manifestação, a revelação é criação. Por tal fato, Eriúgena afirma que Deus cria a si próprio criando os seres. Essa ideia de criação e autocriação constante de Deus e de sua obra é retomada, no século XX, por Teilhard de Chardin quando analisa o processo evolutivo, ao longo dos séculos, do homem enquanto espécie ontobiológica.

O funcionamento teofânico é dado pela emergência de Deus na criatura e, ao mesmo tempo, a superação da sua limitação, pois o descenso à finitude é a elevação do finito ao infinito, do ser decaído ao ser perfeito. Por tal fato, existe um germe de infinitude em todas as criaturas e esse germe torna o “esse”, o Ser de toda criatura insondável, assim como é insondável a infinitude divina, da qual a criatura tem participação através da teofania. Porém a criatura, no mundo terrestre, que possui mais “quantidade” de infinitude é o homem, pois foi a ele que Deus permitiu dar nome, como atesta a narrativa bíblica, a todos os animais, aves e demais seres (Gn 2, 20). Sendo assim, as características, como, por exemplo, a linguagem, que identifica a natureza humana, são indicadores de infinitude. O homem não é uma simples criatura, mas uma síntese das criaturas, conforme comenta Jojé Luis Alonso:

A configuração da realidade humana adequada a ela define uma especial ligação do homem na ordem criada. Não é o homem uma simples criatura entre as outras que realiza enfaticamente esse poder de manifestar a Deus que a todos pertence, não é uma teofania de cunho superior que difere unicamente em grau. Eriúgena, tendo seguido uma extensa tradição, descreve o homem como realidade que contém e reúne toda criatura (ALONSO, 1992, p. 217)<sup>5</sup>.

Assim como Deus se apresenta como “o Alfa e o Ômega” (Ap 1, 8), o princípio e o fim, da mesma forma, o homem, como imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26), é o princípio – o primeiro a desenvolver a linguagem através da qual irá pensar e repensar o mundo – e o fim, ou seja, a síntese de todas as criaturas existentes.

### **3 O homem é o ápice da teofania de Deus**

Para melhor compreensão do papel do homem como síntese das demais criaturas, é necessário entender a divisão das teofanias realizada por Eriúgena. Ele agrupa as teofanias em três divisões. A primeira divisão são as substâncias puramente imateriais, que são, justamente, os anjos. A segunda são as substâncias corpóreas e visíveis, os animais e os vegetais. A terceira e última - a qual está entre as duas, participando de ambas e ligando-as - é “este universo em redução que é o homem” (GILSON, 1995, p. 257). De forma introdutória, pode ser comparado com a tríade (tese, antítese e síntese) hegeliana, pois os anjos formam a primeira divisão das teofanias, sendo a tese. As substâncias corpóreas e visíveis são a antítese e o homem, como resumo das fases anteriores e superação de ambas, é a síntese.

Neste ponto, cabe uma objeção: Hegel, em seu projeto de superação dialética, fala de um ponto em que a consciência já não mais caminharia, pois teria alcançado seu ápice – a síntese final. No caso da tradição católica, sendo o homem um ser decaído, não seria um contrassenso colocá-lo como síntese? Ou seja, devido a sua natureza pecaminosa, o homem não estaria impedido de ser o ápice de uma evolução da consciência?

Para responder a essa objeção, é necessário compreender que, segundo Scoto Eriúgena, Deus não dividiu as teofanias aleatoriamente, pois, como afirma Étienne Gilson, elas “não se comunicam aos anjos em bloco e indistintamente, mas em ordem hierárquica, com os anjos mais perfeitos recebendo sozinhos as primeiras e transmitindo-as de Ordem em Ordem até os anjos menos elevados” (GILSON, 1995, p. 258). Essa ordem decrescente de teofania vem caminhando até que a última ordem angelical transmite a ordem superior da hierar-

quia da Igreja (o papa, cardeais e bispos), dentro da tradição católica, e essa, por sua vez, as outras ordens, padres e freiras, até chegar aos indivíduos em seu cotidiano. Este caminhar decrescente da teofania pode, muito bem, ser visto no Organograma nº 1 – que se encontra logo abaixo – onde “D” significa Deus e as demais letras, do maior para o menor, de “A” para “H”, é a hierarquia teofânica dos anjos mais próximos de Deus, passando pela hierarquia da Igreja até chegar ao homem.

D —————> A B C D ... H

Organograma nº 1

Nesse organograma, o homem é a letra “H”, logo é o ápice da teofania, o último estágio no qual ela se realiza. Para continuar a discutir a objeção realizada, é preciso ter consciência de que não é possível esquecer o caráter de “imagem e semelhança de Deus” (Gn I, 26) que o homem possui. Daí Scotus Eriúgena (1984) concluir que, apesar do caráter decadente do homem, devido ao pecado, ele é o ápice, pois é o ponto final da teofania na qual se realiza a síntese de todos os outros pontos. Para compreender melhor esse sentido, é necessário perceber que o universo corpóreo, tanto o próprio corpo do homem assim como todo o resto do conjunto dos corpos, existe primeiro no pensamento do homem, e nele subsiste num modo em que se torna mais nobre do que em si mesmo. Os corpos são a antítese dos anjos (tese) - que são substâncias puramente imateriais -, e o homem é a síntese de ambos, pois, em sua consciência, tanto os anjos como os corpos ganham um estado superior ao original.

Para Eriúgena (1984), o homem tem um caráter de mediador entre a teofania angelical e a teofania dos corpos visíveis. Tal posição lhe confere uma posição intermediária, em nível ontológico, em relação à criação como um todo. Ele pode ser visto como uma síntese da criação e, ao mesmo tempo, como um elo entre a manifestação de Deus e o resto da criação.

## 4 O valor teofânico das criaturas

É necessário salientar que o valor teofânico das criaturas, aí incluído o homem, não se encontra na representação do divino, pois, se todas as criaturas recebem a manifestação de Deus, é obvio que todas são representações da divindade. Para Eriúgena (1984), o valor teofânico das criaturas está em estimular o intelecto a fim de superar a própria representação (no caso do homem, a representação é imperfeita por causa do pecado e, nos demais seres, pelo distanciamento do criador) e essa superação é uma tentativa de chegar à totalidade, ou seja, chegar a Deus. Pelo desejo de se unir a Deus, o intelecto não tem descanso, pois está constantemente em um processo de formação buscando a união perfeita. Essa união é o fim das criaturas, a união com Deus. Portanto, a vocação humana de imagem de Deus é uma vocação de inquietação, pois ela se configura a partir da infinitude divina e essa configuração impõe à sua existência a forma de um processo indefinidamente aberto.

Segundo Scoto Eriúgena (1984), Deus se cria em sua criação e que a manifestação de Deus possibilita a existência do mundo, pois “o universo cessaria de ser se Deus cessasse de brilhar” (GILSON, 1995, p. 256). Entretanto, surge a questão: Scoto Eriúgena não está entrando em contradição com a *Bíblia*, ao afirmar que Deus cria constantemente o mundo, uma vez que, no livro do *Gênesis* (cf. 2, 3), afirma-se que Deus parou a obra da criação no sexto dia e descansou no sétimo dia?.

Não é intenção deste artigo resolver querelas teológicas e questões místicas que se arrastam há séculos, sem terem, no entanto, uma solução plausível. Deter-nos-emos, tão somente, no ponto de vista da teologia filosófica, concebida como teofania, por Scoto Eriúgena.

Na *Epístola de Tiago*, afirma-se que “Deus é o pai das luzes” (Tg 1, 17) e Paulo, completando essa afirmação, dirá que “tudo que se manifesta é luz” (Ef 5, 13). Assim, tanto Tiago como Paulo estão sendo fiéis ao *Evangelho de João* quando afirma que “a verdadeira luz, vinda ao mundo, ilumina todo homem” (Jo 1, 9).

Que luz é essa? É Jesus Cristo, a segunda pessoa da Trindade. O mesmo que estava presente no momento da formação do ho-

mem, o momento do “fazamos” (Gn 1, 26). Eriúgena trabalha diretamente com a noção da Trindade criadora - dentro da tradição católica que afirma ser a Santíssima Trindade um mistério jamais compreendido pelo ser humano – na qual Deus-Pai cria a própria luz, no sentido de teofania, as águas, a terra, as estrelas, os animais e vegetais e todo o conjunto da criação. Com o auxílio das outras duas pessoas, o Filho, Jesus Cristo, e o Espírito Santo, criam o homem.

O próprio Filho será o salvador do homem decaído e o Espírito Santo será o consolador, aquele que revelará ao homem a verdade, manifestada teofanicamente, que ele tanto almeja. Para Scotus Eriúgena (1984) quando o texto bíblico afirma que “Deus descansou” (Gn 2,3), deve-se entender que Deus, enquanto Trindade criadora e perfeita, não pode sentir cansaço ou outro tipo de sentimento que revele a imperfeição, pois em Deus só há perfeição. No entanto, Deus-Pai (Gn 1,4) “descansou” no sentido de contemplar a manifestação teofânica, que é a obra perfeita da própria criação. A Santíssima Trindade, por meio de Deus-Filho e de Deus-Espírito Santo, continua criando o mundo: o primeiro como salvador e o segundo como revelador da verdade divina. Dessa forma, a “criação não é senão uma iluminação destinada a fazer ver Deus” (GILSON, 1995, p. 256), logo, Deus, na Santíssima Trindade, manifesta-se constantemente criando o mundo e essa teofania tem como principal objetivo fazer com que as criaturas vejam a Deus e, dessa forma, continuem existindo.

### **Conclusão: teofania - espaço de encontro entre Deus e o homem**

É necessário ter sempre em vista a importância do intelecto humano para a construção do conceito de teofania em Scotus Eriúgena (1984) e, por conseguinte, a compreensão desse conceito, pois é o homem, como “imagem e semelhança de Deus”, o único ser que tem acesso a esse conceito, conforme comenta Jové Luis Alonso:



A criatura merece, pois o nome de teofania em sua qualidade de espaço de encontro de Deus e do Homem; o que significa que o conceito de teofania se retira no momento de sua recepção no intelecto (ALONSO, 1992, p. 224-225)<sup>6</sup>.

A criação é, por excelência, um espaço privilegiado, pois é nela que Deus e a sua imagem, o homem, encontram-se. Como consequência desse encontro, nasce, no intelecto humano, o conceito de teofania como sendo a manifestação de Deus.

O encontro entre Deus e o homem é esperado por ambos. Deus quer encontrar-se com sua “imagem e semelhança” e o homem quer encontrar-se com o seu criador e livrar-se da chaga do pecado original. Deus recria o mundo nesse encontro, e o homem o cria, como imagem e semelhança de Deus, o conceito de teofania. Nesse encontro, tem-se o surgimento de uma nova “ideia” – no sentido platônico do termo, como arquétipo. E essa ideia é o conceito de teofania, entretanto, como afirma José Ignacio Saranina Closa, é necessário considerar que “a ‘criação’ das ideias como uma manifestação limitada e parcial das perfeições de Deus” (GLOSA, [s.d.], p. 1212)<sup>7</sup>. Isto é, até mesmo o surgimento, no intelecto humano, do conceito de teofania é teofania, pois é uma nova ideia que nasce e o novo só é possível e realizável enquanto manifestação de Deus.

A teofania tem um poder especial e esse poder é justamente criar, no intelecto humano, a consciência de sua limitação e, por conseguinte, fazer o homem buscar sua essência (cf. SCOTO ERIÚGENA, 1984, 445C), ou seja, buscar a Jesus Cristo, o verdadeiro homem, aquele que não se contaminou com o pecado, logo a verdadeira e plena teofania.

Para Scotus Eriúgena (cf. 1984), a teofania encontra-se presente nas duas formas da criação: a primeira é o livro, a *Bíblia*, e a segunda é a Natureza. Em ambas, o homem toma parte. Na primeira, através da leitura e meditação, e, na segunda, como membro constitutivo. Jesus Cristo, como verdadeira essência da natureza humana, é o centro de ambas: tanto da *Bíblia* como da natureza. Portanto, o homem como participante ativo das duas formas de criação vê,

no Cristo, não apenas um simples consolador das dores oriundas da carne (do pecado), mas a plena presentificação da Trindade em sua máxima manifestação. A manifestação de perfeição e mistério, justamente a teofania que o homem perdeu quando foi expulso do paraíso por causa do pecado original.

Segundo Scotus Eriúgena (cf. 1984), outra função da teofania é a de apreender as causas primordiais. O que são causas primordiais? “São os protótipos das criaturas, queridas por Deus-Pai e pré-formadas no seu Verbo [Cristo], antes de o universo ser chamado à existência” (BLANC, 1996, p. 103). Elas são dons (presentes) divinos de que participam, diretamente, as essências das criaturas. Em si mesmas, unas e idênticas, entretanto, elas se diferenciam nas suas formas exteriores das coisas sensíveis ou no intelecto que as contempla e aprende.

Por fim, afirma-se que, em Scotus Eriúgena (cf. 1984), os anjos e o homem têm a mesma causa primordial, ou seja, contemplar o próprio Deus. Nesse ponto, eles são unos e idênticos, porém se diferenciam na sua forma exterior: o homem tem um corpo decadente, passível de corrupção e morte; já o anjo, por estar mais perto de Deus e não ter sido expulso do paraíso, é uma substância imaterial livre da corrupção e da morte. No entanto, a manifestação de Deus permite-lhes compreender seu estado e seu objetivo principal. O homem, através da teofania, compreende que é um ser corrupto, devido ao pecado original, e seu destino é a morte, isto é, “não habitar a congregação dos justos” (SI I, 5), logo - também por meio da teofania - ele se conscientiza de que precisa buscar a verdade em sua forma mais plena e pura, que é Jesus Cristo. Já o anjo, por meio da teofania, compreende que é uma substância imaterial e que seu único objetivo é contemplar a Deus.

## Notas

<sup>1</sup> Professor da UERN.

<sup>2</sup> “*Thefáneia, esto es, aparición de Dios*” ((SCOTO ERIÚGENA, 1984, 446D): É preciso esclarecer que, na presente tradução espanhola do *División de la Naturaleza*, o autor Scotus Eriúgena é identificado, na ficha catalográfica e no título, como F. Fortuny, mas, na realidade, este é apenas o tradutor.

- <sup>3</sup> “El papel que la noción de teofanía tiene en la sistemática eriugeniana difícilmente puede ser exagerado: es precisamente esa noción la que proporciona el vínculo que totaliza la realidad y articula sus diferencias, la que permite pensar la dinámica relación de lo uno con lo múltiple, de Dios con las creaturas” (ALONSO, 1992, p. 213.).
- <sup>4</sup> “Dios es, por lo tanto, el “ (SCOTO ERIÚGENA, 1984, 516C).
- <sup>5</sup> “La configuración de la realidad humana adecuada a ella definen una especial ubicación del hombre en el orden creado. No es el hombre una creatura más entre otras que realice enfáticamente esse poder de manifestar a Dios que a todas pertenece, no es una teofanía de rango superior que difiera únicamente en grado. El Eriúgena, haciendo suya una extensa tradición, describe al hombre como realidad que contiene y reúne en sí toda creatura” (ALONSO, 1992, p. 217.).
- <sup>6</sup> “La creatura merece, pues, el nombre de teofanía en su calidad de espacio de encuentro de Dios y el hombre; o, lo que es lo mismo, el concepto de teofanía se queda cojo si abstrae del momento de su recepción en el intelecto “ (ALONSO, 1992, p. 224-225).
- <sup>7</sup> “La «creación» de las ideas como una manifestación limitada y parcial de las perfecciones de Dios “ (GLOSA, [s.d.], p. 1212). Aún segundo mismo comentarista (p. 1213), Scotus Eriúgena inspiró-se na ideia platônica de arquétipo para criar o conceito de “teofanía”.

## Referências

ALONSO, Jojé Luis Cantón. Intelecto y teofanía en Escoto Eriúgena. *In: Actas del Iº Congreso Nacional de Filosofía Medieval*. Zaragoza: España, 1992.

BLANC, Mafalda. A divisão na natureza, segundo Escoto Eriúgena. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 52, p. 97-109, 1996.

BÍBLIA de Jerusalém. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

CLOSA, José Ignacio Saranyana. Las «ideas» en Escoto Eriúgena. *Sapientia*, p. 1207-1213, [s.d.].

GILSON, E. *A filosofia na Idade Média*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCOTO ERIÚGENA. *División de la naturaleza*. Trad. de F. Fortuny. Orbis: Barcelona, 1984. Libro I.

**Endereço para contato:**

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Campus Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia”  
(CAMEAM)

BR 405, KM 03 - Bairro Arizona - Pau dos Ferros - RN

CEP 59.900-000

E-mail: [ivanaldosantos@yahoo.com.br](mailto:ivanaldosantos@yahoo.com.br)